

**A ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE INSERÇÃO SOCIAL:
PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO DE
REDADORES E LEITORES DA IMPRENSA NEGRA PAULISTA DO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Sabrina Rodrigues Garcia BALSALOBRE
Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa –
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP (Campus Araraquara)
sabrinalobre@yahoo.com.br

Resumo: Esse trabalho se propõe a investigar a situação de alfabetização da população negra do período posterior à abolição da escravatura e décadas iniciais do regime republicano no Brasil. Tomando como base a informação oficialmente divulgada a respeito desse período, de que há índices muito baixos de escolarização no país, sobretudo no que concerne à população negra, majoritariamente marginalizada pela sociedade dominante, é questionável o modo como essa população, caracteristicamente analfabeta, se apropriou da norma culta para empregar um veículo de difusão de informação, como o texto jornalístico. Sendo assim, esse trabalho busca elencar dados da história social de São Paulo sobre a população em questão. Além disso, faz-se imprescindível considerar o panorama histórico esboçado por pesquisadores da área de educação acerca do processo de escolarização do negro no estado de São Paulo no século XX. Também está em foco a análise dos jornais da Imprensa Negra que tiveram um papel acentuado na elaboração de uma identidade afro-brasileira, visando observar o espaço destinado ao incentivo à educação nesses jornais por parte dos redatores aos leitores negros e tentar depreender o modo como esses redatores se apropriaram da norma culta.

Palavras-chave: Imprensa Negra paulista; norma culta; Linguística Histórica.

1. Introdução

As reflexões tecidas no presente trabalho, que se propõe a investigar a situação de alfabetização da população negra do período posterior à abolição da escravatura e décadas iniciais do regime republicano no Brasil, representam um desdobramento da discussão intitulada *Língua e sociedade nas páginas da Imprensa Negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento*, de Balsalobre (2010).

O ponto de partida que motivou essa discussão consiste no fato de que as informações existentes acerca dos jornais da Imprensa Negra, produzida no estado de São Paulo no início do século XX, é que há índices muito baixos de escolarização no país, sobretudo no que concerne à população negra, majoritariamente marginalizada pela sociedade dominante. Dessa forma, é questionável o modo como essa população, caracteristicamente analfabeta, se apropriou da norma culta para empregar um veículo de difusão de informação, como o texto jornalístico.

Além desse questionamento, outros se colocam: o emprego da norma culta revela uma tentativa de inserção social por meio da língua? E ainda: se há homens se dedicando à produção jornalística, também, conseqüentemente, deve haver um público leitor; quem são esses leitores? A imprensa do período representava, portanto, um veículo de divulgação da norma culta para essa população? Nesses textos jornalísticos é possível detectar índices da variedade vernacular dessa camada social?

Esse trabalho não tem a pretensão de esclarecer todos esses questionamentos, mas busca elencar dados da história social de São Paulo das décadas iniciais do século XX, mais especificamente sobre a população em questão, motivado pela seguinte reflexão de Oliveira:

(...) em nenhum lugar, de fato, estará a História pronta, esperando a mão do lingüista para colhê-la. Essa história terá que ser escrita pelo próprio lingüista concomitantemente aos seus estudos lingüísticos. Escrever essa história implica em historicizar os conceitos que utilizamos, implica desenvolver modos de historicizar o nosso fazer disciplinar (2001, p.402).

2. Inserção de negros libertos na sociedade paulista

Com a modificação no regime econômico vigente, os trabalhadores escravizados perderam sua função – substituídos pela mão-de-obra assalariada do imigrante europeu – e ficaram abandonados à própria sorte. Uma solução proposta pelos abolicionistas era que os recém-libertos se apresentassem nas fazendas como trabalhadores assalariados, salvando a safra de café dos agricultores, cuja demanda de mão-de-obra não estava sendo suprimida pelos europeus. No entanto, grande parte dos ex-escravizados preferia abandonar o trabalho das fazendas para ir à busca de nova vida nas cidades.

A Lei Áurea, na realidade, só concedeu aos negros a condição de ‘homens livres’, pois colocou essas pessoas em desleal competição com os trabalhadores brancos. Lentamente, os negros passaram a ser absorvidos no mercado de trabalho, nas profissões mais humildes e mal remuneradas. Dessa forma, essa parcela da população de São Paulo ficou às margens do grande surto comercial e industrial que ocorreu na cidade na primeira metade do século XX.

Fernandes (1978) defende que foram três os fatores que mais prejudicaram a integração do negro na sociedade paulistana: o primeiro fator está diretamente ligado ao modo como se deu o processo de expansão urbana de São Paulo, que não reproduziu o padrão típico das cidades brasileiras ao não se desenvolver em conexão com o progresso agrário; outro fator essencial mencionado pelo autor é a competição desleal com o imigrante europeu, que absorveu as melhores oportunidades de trabalho; e, como último fator, Fernandes coloca uma questão ideológica, ao classificar São Paulo como o primeiro centro brasileiro marcadamente burguês, baseado em uma concepção de mundo tradicional e de dominação patriarcalista.

Essa nova conjuntura sócio-econômica alterou o contingente populacional da cidade e do estado de São Paulo, pois a sub-condição de vida dessa população de libertos aliada ao grande avanço populacional de imigrantes europeus fez decair progressivamente a proporção de negros (em função do êxodo para o interior paulista e de epidemias que acometeram essa população, por falta de condições de higiene sanitária nos cortiços), como consta nessa tabela proposta por Bastide e Fernandes (1959, p.59):

Tabela 1: População de negros no final do século XIX e início do XX no Estado e na cidade de São Paulo

Estado de São Paulo	Nº de negros
1886	23,9% da população
1940	12,01% da população
Cidade de São Paulo	Nº de negros
1886	21% da população
1940	8,19% da população

A condição de homens livres provocou uma nova percepção de seus papéis sociais e *status* na sociedade. Essa nova compreensão provocou dois tipos de comportamentos contraditórios, segundo ressaltam os autores:

De um lado, alimentava ela uma atitude de reação latente entre à associação de cor de pele e uma situação social degradante. Mas de outro, sublinhava a excelência dos valores da camada racial dominante, à medida que os transformava em símbolo de dignidade e de independência, e desencadeava sentimentos de inferioridade, que compelia as pessoas de cor livres a evitar o convívio com os brancos (BASTIDE, FERNANDES, 1959, p.125).

3. A Imprensa Negra paulista

A Imprensa Negra paulista caracterizou-se por ser um movimento jornalístico organizado por negros e dedicado a essa população, a partir dos anos iniciais do século XX, ou seja, num período imediatamente posterior à abolição da escravidão no Brasil. Nesse momento, a comunidade negra tinha a necessidade de buscar um espaço na sociedade paulistana e, com essa finalidade, os jornais publicados funcionavam como um estandarte de inserção social, uma vez que os redatores desses jornais aconselhavam os membros da comunidade ao trabalho, ao abandono de vícios, além de exaltarem a importância de seus eventos e agremiações sociais. Sendo assim, esses jornais representam um privilegiado meio de informações sobre a situação linguístico-social da população afrobrasileira do período pós-abolição da escravidão, por revelar dados valiosos acerca da tentativa de reconhecimento social dessa população também por meio da aquisição da norma linguística de prestígio da época.

Para entender a formação da Imprensa Negra, Ferrara (1986) analisa algumas das peculiaridades da população negra paulista do início do século XX, a partir da conceituação de grupo minoritário, que caracteriza, segundo a autora, essa população. Por grupo minoritário, Ferrara entende um conjunto de pessoas que recebem um tratamento desigual em relação aos demais membros da sociedade em que vivem e que, por isso, consideram-se alvo de discriminação coletiva.

A partir dessa conceituação, a autora sugere que a formação da Imprensa Negra, por parte dos integrantes desse grupo minoritário, deu-se pela necessidade de veicular as reivindicações por melhores condições de vida e as propostas de inserção na sociedade brasileira. Portanto, esses jornais tiveram um papel acentuado na elaboração de uma identidade afro-brasileira.

De modo geral, os editores dos jornais representavam um conjunto de intelectuais negros que pertenciam a um restrito grupo – não só de negros, como de brasileiros como um todo – de

alfabetizados. Ainda assim, dentro desse grupo de intelectuais, pouquíssimos pertenciam de fato à grande burguesia, pois atuavam, em geral, como funcionários públicos de baixo escalão, motoristas particulares, cozinheiros etc. Apesar do fato de que esses jornalistas não estavam inseridos numa classe social favorecida, eles ainda constituíam uma pequena ‘elite’, uma vez que nas primeiras décadas do século XX, a maioria dos grupos sociais era caracteristicamente analfabeta.

É nesse sentido que Garcia (1997) defende que os negros que compunham essa elite sofriam um processo de “aburguesamento”, por defenderem avanços culturais e materiais para a comunidade negra, sobretudo por meio do incentivo à educação e adequação desses negros aos valores da sociedade majoritária paulista, particularmente, burguesa.

Grande parte dos jornais da Imprensa Negra tinha vida curta ou periodicidade inconstante, por serem os próprios editores que bancavam os custos da impressão e quase sempre acabavam em prejuízo. Além disso, a maior parte dos jornais era distribuída gratuitamente nos bailes promovidos por associações da comunidade negras. É perceptível que o trabalho desses editores era em razão da luta por um ideal, por acreditarem na imprensa como um meio legal para tentar melhorar a vida de seus iguais.

4. O Alfinete e O Kosmos

Para os objetivos específicos desse trabalho, de se observar o espaço destinado ao incentivo à educação nos jornais por parte dos redatores aos leitores negros e tentar deprender o modo como esses redatores se apropriaram da norma culta, foram selecionados, como amostra para análise, dois jornais da Imprensa Negra: *O Alfinete* (Figura 1) e *O Kosmos* (Figura 2). Essa escolha se justifica por uma combinação de fatores.



Figura 1: O Alfinete



Figura 2: O Kosmos

Inicialmente é relevante o fato de que os dois jornais pertencem ao primeiro período¹ (1915 a 1923) desse movimento noticioso, que tem por característica ser de cunho pedagógico, visando à conscientização da população negra à adequação do regime social imposto pela camada dominante e, assim, a promoção da inserção social desses indivíduos.

Outro ponto importante para essa escolha é a acessibilidade do material, pelo fato de que era comum os jornais dessa imprensa não terem uma periodicidade regular, ora por falta de capital econômico, ora por dissidência dos redatores. Outro problema que se alia aos anteriores é a falta de preservação de alguns exemplares dos jornais. Dessa forma, a escolha desses dois periódicos se dá pelo grande número de edições que se preservou e a disponibilidade desse material. Por fim, é preciso ressaltar algumas peculiaridades desses jornais que revelam dados importantes do contexto histórico e social da população negra do período e, que ao mesmo tempo, demonstram fatores linguísticos interessantes.

O jornal *O Alfinete* foi editado pela primeira vez em 1918 e perdurou até os últimos meses de 1921, com o subtítulo “Orgam litterario, crítico e recreativo dedicado aos homens de cor”. O diretor de *O Alfinete* era A. Oliveira, mas esse periódico contava com muitos outros colaboradores, sobretudo porque os dirigentes ressaltavam que o jornal era um espaço aberto para a expressão de ideias da comunidade. Foi um periódico da primeira fase da Imprensa Negra, portanto, com objetivos de estabelecer certo padrão para o comportamento dos negros. Leite define *O Alfinete* como um jornal que continha fofocas, mas não de cunho ideológico e político: “As alfinetadas [eram] no sentido de corrigir a moral, denunciar pessoas que aparentemente tinham dignidade, mas escorregavam” (1992: 33).

Outro jornal da Imprensa Negra paulista analisado é *O Kosmos*, periódico oficial do Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos, que entrou em circulação em um período bastante significativo devido a algumas peculiaridades. Seu lançamento se deu no dia 07 de setembro de 1922, tendo como redator-chefe Abílio Rodrigues. No entanto, apesar de os dois jornais escolhidos serem classificados como pertencentes à primeira fase dessa imprensa, o diferencial entre eles é atribuído à diferença de propósitos: enquanto *O Alfinete* se propunha a discorrer sobre a vida social e pessoal dos membros da comunidade negra, *O Kosmos* era o jornal oficial do Grêmio Recreativo Kosmos, que tinha como objetivo a função social de prestar serviços à comunidade negra.

Com esse intuito, logo no cabeçalho, *O Kosmos* se diferenciava dos demais jornais por não trazer como subtítulo os dizeres “dedicado aos homens de cor”, e sim “Orgam Oficial do Gremio Dramático Recreativo Kosmos”. Essa diferença se justifica pelo fato de que o grêmio Kosmos tinha um programa educativo dirigido aos afro-descendentes, que contava com atividades culturais e profissionalizantes. De forma que, nessa associação, a comunidade, além de usar o espaço para se relacionar socialmente, também encontrava um ambiente favorável à aquisição de cultura e instrução de toda sorte.

Além disso, outro diferencial de *O Kosmos* é seu projeto dramático, por contar com uma escola efetiva de teatro, que mantinha vários integrantes do movimento negro reunidos em torno dessa atividade cultural. Esse grupo representava peças criadas pelos próprios integrantes e peças já consagradas no cenário artístico.

¹ A periodização da imprensa negra varia em alguns anos e referências ao primeiro jornal, dependendo do estudioso em questão. Nesse trabalho, segue-se a proposta de Miriam Nicolau Ferrara (1986), pelo fato da autora apresentar um vasto levantamento dos jornais da Imprensa Negra, com suas respectivas datas de início e término da produção, propondo, assim, uma reorganização mais coerente dos jornais em períodos.

5. ... *E disse o velho militante José Correia Leite*

José Correia Leite foi um dos militantes mais expressivos do movimento negro e da Imprensa Negra do início do século XX. Leite foi o redator principal, junto com Jayme de Aguiar, do importante jornal da Imprensa Negra *O Clarim d'Alvorada*. Em um livro de depoimentos concedidos a Cuti (1992), Leite recorda a situação da população negra na cidade de São Paulo, as principais associações a favor da 'classe dos homens de cor', os bailes realizados, os principais jornais e seus colaboradores e, sobretudo, a luta dos negros em busca de espaço e dignidade na sociedade.

Para os objetivos desse trabalho, os depoimentos de Leite são de extrema relevância uma vez que ele relata sua experiência pessoal de aquisição do ensino da leitura e escrita e de outros membros da Imprensa Negra. O autor narra que teve uma infância muito pobre e, muito embora se interessasse pelo ensino formal, nunca teve oportunidade de frequentar escola. Sua história de aprendizado se pauta em um autodidatismo e em aulas de português que o próprio Jayme de Aguiar lhe ministrava.

Aguiar, em contrapartida, teve melhores oportunidades em sua vida. Ele formou-se jornalista e era um grande incentivador da educação e das variadas lutas por melhores condições de vida dos negros. Nessa mesma situação, Leite cita o exemplo do presidente do Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos, Frederico Baptista de Souza. Souza foi funcionário da Faculdade de Direito de São Paulo e, segundo Leite, um 'grande homem'.

É interessante também a história de outro colaborador de *O Clarim d'Alvorada* e expressivo militante do movimento negro, Vicente Ferreira. Segundo Leite, Ferreira se dedicava a frequentar os eventos públicos para falar a favor de sua classe, tornando-se um exímio orador. Entretanto, apesar de desempenhar brilhantemente essa tarefa, Ferreira era analfabeto. Os artigos publicados em jornais em seu nome eram sempre por ele ditados aos redatores. Nesse sentido, há uma interessante passagem de Leite relatando essa prática de Vicente Ferreira:

Eu precisei lutar com essa minha timidez de sujeito semi-analfabeto. Um dos que me ajudou nesse sentido foi o Vicente Ferreira, porque ele também tinha essa deficiência. O Vicente Ferreira falava muito bem, sabia muita coisa, mas não escrevia. Ele só ditava e a gente tinha de interrompê-lo para colocar uma vírgula, ver uma concordância ou qualquer coisa. Ele ficava danado e dizia que o pensamento dele nada tinha a ver com gramática. O que ele queria era que a pessoa pegasse as idéias, o que prevaleciam eram as idéias. E dizia que não tinha nada a ver com a vírgula e concordância. Então eu fui começando a dar mais valor às minhas idéias do que a qualquer erro de gramática. Fui perdendo aquela bitola de Jayme de Aguiar e outros muito preocupados com a gramática (LEITE, 1992, p.196-97).

6. Panorama histórico da alfabetização dos negros em São Paulo

Cruz (2005) faz o seguinte questionamento como ponto de partida para sua reflexão acerca da história da educação dos negros:

(...) observando a bibliografia nessa área [história da educação brasileira], teremos a nítida impressão da inexistência de experiências escolares dos negros

em período anterior à década de 1960, quando a rede pública de ensino sofre vasta expansão do número de vagas.

Mas se isto é verídico, como explicar a intervenção dos negros na sociedade brasileira nos primeiros anos da República, através das organizações negras, da criação de escolas e da imprensa negra? Quais teriam sido os processos de escolarização vivenciados desde o período da escravidão para que logo em anos iniciais da República pudessem estar dando corpo a intervenções sociais no campo intelectual? (2005, p.21-22).

Esses questionamentos partem do fato de que durante o período de escravidão no Brasil as autoridades imperiais sancionaram leis que proibiam o acesso da população negra escrava ao ensino formal, tornando a educação exclusiva aos considerados cidadãos brasileiros, como prevê o artigo 6, item 1 da Constituição de 1824 (SILVA, ARAÚJO, 2005, p.58). No entanto, esses autores levantam algumas hipóteses – baseados na constatação histórica de ter havido um contingente considerável de escravizados alfabetizados e multilíngues – de que, apesar da proibição formal, a população escrava obtinha algum acesso à instrução de maneira informal e até mesmo improvisada – de forma que, numa sociedade majoritariamente analfabeta, alguns negros escravizados detinham o saber formal. Seriam tais hipóteses:

- i) a Reforma Couto Ferraz (1854) previa que seriam admitidos ex-escravizados economicamente ‘protegidos’ por ex-senhores: portanto, alguns libertos poderiam ter freqüentado a escola oficial;
- ii) as sinhás-moças e alguns padres, em ambientes rurais, poderiam ter ministrado aulas a escravizados em atitudes sigilosas e situações improvisadas;
- iii) alguns senhores poderiam ter contratado professores particulares esperando lucro de escravizados alfabetizados;
- iv) alguns escravizados homens podem ter sido encaminhados às escolas vocacionais ou ao ensino das letras por terem adquirido algum conhecimento no exercício de sua profissão;
- v) há a possibilidade de ter havido a alfabetização dos escravizados minas em árabe, em associações secretas (SILVA, ARAÚJO, 2005, p.69).

Essas hipóteses apontam para o fato de que, contrariando a ideia consensual sobre a ignorância dos negros escravizados e libertos, havia um pequeno grupo de negros que detinha o conhecimento formal, por serem alfabetizados. Provavelmente, alguns desses negros possuíam um grau superior de letramento ao de seus próprios senhores.

Ainda em relação à restrição oficial da população negra à educação formal, Silva e Araújo revelam que as reformas no plano educacional feitas nos séculos XIX e XX, apesar de uma ‘aparente democratização’ e ‘universalização’ do ensino, também dificultaram o acesso material da população negra recém-liberta e de outros grupos sociais menos privilegiados ao ensino público, por restringir o número de vagas, submeter os alunos a exames de admissão e pagamentos de taxas etc. Mesmo assim, é a partir da segunda metade do século XIX que começam a surgir evidências da participação de negros em processos educacionais.

É notável o esforço de alguns grupos negros para adquirirem o saber formal exigido socialmente por meio da criação de escolas pelos próprios negros. A esse respeito, Cruz (2005) traz os seguintes exemplos, ainda pouco documentados: Colégio Perseverança ou Cesarino (Campinas, 1860), Colégio São Benedito (Campinas, 1902), Escola Primária no Clube Negro Flor de Maio (São Carlos). Além das já mencionadas, houve uma iniciativa educacional com grande difusão na cidade de São Paulo: a escola formada pela Frente Negra Brasileira (FNB), que

promoveu cursos de alfabetização (inclusive de jovens e adultos), curso primário regular e curso preparatório para o ginásio².

No entanto, as primeiras oportunidades oficiais de inclusão escolar da população negra ocorrem com o advento das escolas técnicas e profissionalizantes, uma vez que era requerida mão-de-obra especializada para atender as necessidades do mercado interno paulista. A primeira escola de ensino especializado que surgiu foi durante o governo de Nilo Peçanha, a partir do Decreto 7.556 por ele estabelecido, em 1909. Nos anos 20, esse tipo de ensino atingiu cidades do interior paulista como Sorocaba, Campinas, Franca e Ribeirão Preto (SILVA, ARAÚJO, 2005, p.72). A parcela da população negra e parda que obtém sucesso nesse campo de ensino formal dá início a uma nova classe social ‘independente e intelectualizada’ (SILVA, ARAÚJO, 2005, p.73). Essa classe faz com que o movimento negro ganhe força e se organize na direção de reivindicações sociais.

Entretanto, Barros (2005) alerta para o fato de que, se por um lado havia esse esforço de uma parte da população negra paulistana em adquirir o saber formal, por ver a instrução como um elemento de inserção social, havia outra camada da população que não dava à educação essa mesma importância. Como explicação possível para essa disparidade, a autora chama a atenção para o fato de que essa segunda parcela da população negra está inserida no coeficiente mais pobre da população de São Paulo e que, por isso, está preocupada com as questões de sobrevivência mais imediatas.

7. O incentivo à educação em jornais da Imprensa Negra

A partir da amostra dos jornais escolhidos – *O Alfinete* e *O Kosmos* – será possível ilustrar a preocupação dos redatores dos jornais com questões de ordem educacional. Uma vez que os dois periódicos em estudo pertencem à primeira fase da Imprensa Negra é característica inerente a essas publicações um incentivo à educação, ao trabalho, à participação em eventos sociais, e a tudo que se refere a práticas que visam à inserção social dos ‘homens de cor’³. Segundo Garcia (1997), isso ocorria pelo fato de que esses redatores, por serem detentores de um conhecimento formal superior ao da população em geral, assumiam a responsabilidade de manter entidades que exercessem o papel de conscientização política, a fim de propagar valores como a educação, para ajudar a população negra a se desenvolver em uma cidade marcadamente burguesa.

Muito embora seja comum em *O Alfinete* a publicação de notícias que expõem comportamentos considerados indesejáveis para a comunidade – “as alfinetadas” – a fim de que os homens negros se adequassem aos padrões comportamentais da sociedade majoritária, os redatores desse jornal também estão preocupados, sobretudo nas edições iniciais, com questões mais amplas de ordem social que afetam diretamente a população negra, como o analfabetismo. Nas edições de setembro de 1918 e março de 1919, os redatores expõem o analfabetismo como um problema que atinge diretamente a população negra:

² A respeito da FNB, cf.: BARBOSA, Márcio. *Frente Negra Brasileira*: depoimentos. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

³ Denominação empregada pelos próprios redatores dos jornais.

01. “Esta antithese completa de tudo o que é orgânica tem como cousa principal o analfabetismo que predomina em mais de dois terço de tão infeliz raça”.^{4 5}

02. Aos leitores

Digam o que quizerem, mas é uma verdade, estamos convencidos que a maioria dos nossos homens de cor, pouco ou nada fazem para sahirem do triste estado de decadencia em que vivem! É lastimável!

Nós precisamos unirmo-nos, porque é da união que nasce a força. Empunhando o nosso estandarte em pról d’um idéal elevado, como seja: o combate ao Analfabetismo, essa praga que nos fazem mais escravos, do que quando o Brazil era uma feitoria; é que não recuamos perante os ataques e zombarias dos pessimistas e dos que vivem sómente para lançar a desharmonia no seio da nossa classe. Vamos, meus amigos, um pouco de bôa vontade, porque combater o Analfabetismo é dever de honra de todo do brasileiro.⁶

Essa iniciativa de expor o analfabetismo como problema social não é encontrada nos exemplares de *O Kosmos*. No entanto, há informações de pesquisadores da Imprensa Negra de que os dirigentes desse grêmio adotavam ações efetivas de combate a esse problema, como por exemplo, a manutenção de aulas de alfabetização, uma escola de dramaturgia e a realização efetiva de saraus literários: “Nas reuniões [do Grêmio Kosmos], os afro-brasileiros dividiam o tempo entre conversas com seus pares; sessão de leitura coletiva; saraus de leitura dos jornais e literatura; escolas de alfabetização e corte e costura; comemoração de batizado, casamento, aniversário” (GARCIA, 1997, p.93).

As atividades do Grêmio Kosmos são noticiadas por vários outros jornais da Imprensa Negra, por se constituir em um exemplo para as demais sociedades. O Kosmos foi uma das poucas instituições que conseguiu aliar o entretenimento à prestação de serviços à comunidade negra. *O Alfinete*, em outubro de 1921, chama a atenção a esse mérito do grêmio Kosmos:

3. O vicio está tão enraigado que verdadeiramente, não se preocupam em preparar o intellecto e rarissimas são as sociedades que levam a effeito um sarau litterario. E se alguma tentar levar uma sessão solemne, um entre-acto, poucos são os que comparecem e isso com muito empenho dos directores. Sò uma conheço que é frequentada nessas occasioes: é o “G.D.R. Kosmos” porque desde a sua fundação vem incutindo no seu meio social, os saraus litterarios.⁷

Entretanto, mesmo a organização exemplar dos dirigentes do Kosmos não é capaz de sensibilizar plenamente a comunidade na direção das práticas educativas. Os periódicos mencionam o fechamento de uma biblioteca, inaugurada por iniciativa do Grêmio Kosmos:

4. Pensamos que as Sociedades, como ponto de reunião familiar, não devem ser formadas unicamente para dançar, precisamos progredir e, para isso, precisamos agremiações que possam sustentar uma escola, uma biblioteca, etc. Apesar das desillusões por que passou o articulista, quando a “Kosmos” inaugurou uma pequena bibliotheca teve de pedir o seu fechamento por falta de leitores,

⁴ A transcrição dos fragmentos dos jornais manteve dados gramaticais e ortográficos tal qual o original.

⁵ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

⁶ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

⁷ *O Alfinete*. Ano IV, número 76. Outubro de 1921.

notando-se que os socios e mesmo o Grêmio não faziam despeza alguma com a manutenção da mesma; poderia obter entretanto tudo, si todas as Sociedades unissem para esses fins, procurando as Directorias incutir no espirito de seus associados, esse principio de progresso, fazendo com que os associados adquirissem amor pelas cousas úteis: por quanto, não é raro se encontrar grande numero de rapazes, que (infelizmente) exhibem 5 ou 6 recibos de sociedades dançantes e esquecem, (porque não possuem um só de uma sociedade Beneficiente.⁸

É prática comum tanto dos responsáveis de *O Alfinete* quanto de *O Kosmos* incentivarem seus leitores a publicarem nos jornais, no entanto, ressaltam a necessidade de manterem bons padrões de língua escrita. É interessante notar que havia uma preocupação dos editores do jornal com o uso da norma culta, para que esse veículo de informação servisse como fonte de instrução para a população negra. Nesse sentido, havia um *Cabo da guarda*, possivelmente o pseudônimo⁹ de um dos editores de *O Alfinete*, que publicava dicas de português, dando alguns conselhos para que os leitores pudessem escrever seus próprios textos. São exemplos:

05. Preferimos que os nossos socios tomem assignaturas para assim poderem collaborar juntamente comnosco apresentando ao publico os seus escriptos, suas idéias, e assim mostrando o seu talento e cultura ao meio social em que vivem, e uma vez isso realizado seria para nós motivo de incomparavel satisfação.¹⁰

06. Caixa do “Alfinete”

Snr. Frederico Baptista de Souza: - Muito bem, gostamos de pessoas como o amigo diz as verdades e teve uma ideia muito feliz. Nossos parabens. Será publicado seu trabalho.

Snr. Joaquim Antão Fernandes Filho: - O seu trabalho está por demais confuso. Leia bastante as boas obras de literatura e poesia. Mande alguma coisa menos sentimental e menor.

Snr. Horacio da Cunha: - Ahi está o seu appello, está satisfeito?

Snr. Gastão: - A sua carta aberta será publicada.

Snr. Baptista: -Seu soneto não pôde ser publicado falta a metrificação, que é o essencial. Um conselho: Leia o tratado de metrificação de Olavo Bilac, na parte que trata dos sonetos. (Cabo da guarda)¹¹

Por fim, como demonstração de incentivo e a fim de servir de exemplo para os demais membros da comunidade negra, foi noticiada em *O Kosmos* a formatura de uma normalista na seção ‘Notas’. É interessante destacar as formas de tratamento empregadas para se referir à formanda, em uma indicação de elevado *status* social:

⁸ *O Alfinete*. Ano I, número 8. Março de 1919.

⁹ Era prática comum dos colaboradores dos jornais o uso de pseudônimos, para preservar a identidade da crítica, mas, sobretudo, pela falta de pessoas que contribuíam com a publicação de seus textos.

¹⁰ *O Kosmos*. Ano I, número 8. Janeiro de 1923.

¹¹ *O Alfinete*. Ano I, número 8. Março de 1919.

07. Formatura

A Exma. Snra. D. *Benedicta Izabel*¹², por motivo de sua formatura pela escola Normal desta Capital, no dia 7 do corrente ao grêmio Barão do Rio Branco, foi surpreendida com uma manifestação expontanea promovida pelo Snr. Adolpho Lima, que usando da palavra expoz o motivo da mesma.

Usaram da palavra, saudando a gentis senhorita, os Snrs. Frederico B. de Souza e Antonio Pereira da Silva.¹³

8. Dados dos jornais

Como já enfatizado, *O Alfinete* e *O Kosmos*, importantes jornais da Imprensa Negra, têm expressivas demonstrações de preocupação com questões educacionais, sobretudo por terem como lema de trabalho o incentivo aos membros da comunidade negra à adequação aos parâmetros da sociedade dominante. Dessa forma, é perceptível nos jornais a tentativa dos redatores de se adequarem à norma culta da língua portuguesa, para estarem em concordância com a norma usualmente empregada no gênero textual por eles utilizado e, assim, transmitirem o exemplo de língua escrita para a comunidade:

08. O nosso modesto jornalzinho é uma pequena amostra da bôa vontade de alguns homens de côm, que tem por escopo unico, estimular o cultivo das bellas letras no nosso meio social.

Na amostra de jornal analisada é possível detectar exemplos de tentativas de adequação à norma culta e de adequação ao padrão formal estabelecido pelo jornalismo da época¹⁴. Em contrapartida, é também possível depreender índices da variedade vernacular empregada pela comunidade negra do início do século XX. Faz-se imprescindível ressaltar, entretanto, que a maior ou menor adequação a padrões linguísticos é diretamente proporcional ao subgênero textual em análise dentro do hipergênero¹⁵ jornalístico; ou seja, há uma maior adequação à norma culta na matéria inicial do jornal (uma espécie de editorial), por exemplo, do que na seção denominada “Alfinetadas”, composta por uma variedade linguística caracteristicamente popular.

Apenas com a finalidade de exemplificar essa discussão relativa à norma padrão e à norma vernacular, serão apresentados alguns dados dos jornais. É importante salientar que não se trata de uma análise quantitativa, portanto, os resultados aqui apresentados não são de caráter definitivo.

¹² Grifos meus.

¹³ *O Kosmos*. Ano I, número 7. Dezembro de 1922.

¹⁴ Em trabalhos anteriores, exemplos dos jornais da Imprensa Negra em questão foram submetidos à comparação com jornais da imprensa corrente no município de Araraquara, relativos ao mesmo período, para se estabelecer algumas peculiaridades linguísticas da Imprensa Negra.

¹⁵ O termo **hipergênero** é apresentado por Bonini (2001). Esse autor entende por **hipergênero** o suporte textual (por exemplo, os jornais, as revistas e os vários tipos de *home-pages*) que se constitui a partir de variados outros tipos de gêneros (ou subgêneros), como cartas, notícias, editoriais, reportagens, poesias, charges etc. É nesse sentido que o autor propõe o estudo do hipergênero jornal como um contínuo textual.

É significativo o fato de os redatores empregarem formas de tratamento que exaltam os membros da comunidade negra – essa prática é também comum aos demais periódicos da imprensa geral do período. São exemplos:

09. ANIVERSARIOS. Fizeram annos:
 A 25 do mez passado, a *Senhorita Judith de Moraes*.
 A 28, o *Snr. Ignácio de Almeida, incansável luctador* pelo centro Recreativo Ituano.
 A 29, a *Exma. Snra. D. Maria Eugenia*, irmã do *Snr. Gastão R. Silva*¹⁶ (seção notas).

O uso de concordância verbal e nominal características da norma culta da língua é amplamente encontrado nas seções iniciais de ambos os jornais. No entanto, há também alguns indícios de falta de concordância, sobretudo, em contextos que favorecem o não reconhecimento da relação entre verbo e sujeito, tal como a distância entre esses elementos e verbo anteposto ao sujeito, por exemplo.

10. *Está proxima a eleição* da directoria do Gremio Dramático e Recreativo “Kosmos”, para o mandato de 1923. *Surgem portanto as opiniões políticas e formam-se os partidos*¹⁷ (primeira seção).
 11. (...) bem assim, *a sociedade* campineira, sem distincção de côr, muito *concorreram com as suas presenças*, para o maior realce da festa¹⁸ (seção referências).

Nesses periódicos é também comum o uso de expressões rebuscadas e, inclusive, termos de origem estrangeira, dando uma conotação de erudição às matérias. Por outro lado, e na mesma medida, os redatores fazem uso de expressões de cunho popular e gírias empregadas na época. São exemplos:

12. O estado lamentável em que jazem os homens de côr no Brazil (...) impõe uma *reacção salutar* para que possam em dias futuros ter a consciencia lucida, de que para elles, os *seus direitos são compuscados, a lei asphixiada e estrangulada e a justiça vilipendiada*¹⁹ (primeira seção).
 13. Filiado em diversos *Clubs de Foot-ball*, adquiriu bastante amigo(...) ²⁰ (nota de falecimento).
 14. *Adorar-te-ia* loucamente cobrindo esses teus lindos lábios com os mais divinos beijos que guarda um coração apaixonado²¹ (seção carta de leitores).
 15. O sr. J.J. de Carvalho, agora não anda mais apé e só cavallo, em animal que não come, mais um dia *a corda rebenta, e a bicycleta quebra* ahi que eu quero

¹⁶ *O Kosmos*. Ano I, número 9. Fevereiro de 1923.

¹⁷ *O Kosmos*. Ano I, número 9. Dezembro de 1922.

¹⁸ *O Kosmos*. Ano I, número 6. Novembro de 1922.

¹⁹ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

²⁰ *O Alfinete*. Ano I, número 3. Setembro de 1918.

²¹ *O Alfinete*. Ano IV, número 74. Agosto de 1921.

ver seu Carvalho andar a pé. *É só no carcanhar*. MANCAIO²² (seção alfinetadas).

16. Leiam o próximo n. do ALFINETE. Grandes Novidades! Numero *Succo!*²³ Leiam!²⁴ (última página).

9. Considerações finais

A partir do estudo aqui apresentado acerca da situação de alfabetização da população negra nos momentos finais do regime de escravidão e décadas iniciais da República no Brasil, aliado aos dados fornecidos pelo militante negro José Correia Leite, à análise da importância dada pelos redatores dos jornais *O Kosmos e O Alfinete* sobre a necessidade de instrução da comunidade negra e, finalmente, aos exemplos de norma linguística depreendidos desses jornais é possível tecer alguns comentários relacionados à questão inicial desse estudo sobre a aquisição da norma culta por redatores e leitores dos jornais da Imprensa Negra.

Primeiramente, a partir dos argumentos de pesquisadores de educação dos negros do início do século, deduz-se que a noção inicial de que a população negra recém-egressa da escravidão era em sua totalidade analfabeta não pode ser considerada em termos absolutos, já que há notícias históricas que comprovam a existência de escravizados alfabetizados. Além disso, apesar das muitas tentativas dos governantes de boicotarem o acesso dos negros em escolas oficiais, há fatos que indicam a existência de escolas criadas pelos próprios líderes negros que beneficiavam suas comunidades – tal como a difundida escola da Frente Negra Brasileira.

Os jornais estudados dão indícios significativos de que havia uma elite intelectual no movimento negro, responsável pelo incentivo à educação como estratégia de reconhecimento dos negros pela sociedade dominante, seja por meio de matérias persuasivas nos jornais, seja por meio de atitudes concretas, a exemplo das iniciativas do G. D. R. Kosmos.

Por meio dos dados linguísticos desses jornais é possível inferir que existe uma tentativa de apropriação da norma culta da língua portuguesa pelos redatores, inclusive para servir de exemplo de instrução a seus leitores. Garcia (1997) e Ferrara (1986) revelam que esses jornais eram lidos em reuniões promovidas pelas associações negras, de forma que mesmo os analfabetos poderiam ter acesso aos jornais. Outra hipótese levantada por pesquisadores da Imprensa Negra é que as crianças em estágio de alfabetização liam os jornais para os familiares mais velhos, por representarem um meio letrado acessível entre a comunidade negra.

Entretanto, apesar da tentativa de apropriação da norma culta é notável o fato de que os redatores foram submetidos a formas de educação pouco regulares, em função da dificuldade de acesso a escolas públicas e da necessidade de meios alternativos de letramento. Dessa forma, a análise linguística dos jornais também revela índices de oralidade da população negra da época e de sua respectiva variedade vernácula.

²² *O Alfinete*. Ano I, número 4. Outubro de 1918.

²³ *Succo* era gíria dos anos 1920 e significava o mesmo que “legal”.

²⁴ *O Alfinete*. Ano IV, número 76. Outubro de 1921.

10. Referências

- BALSALOBRE, S. *Língua e sociedade nas páginas da Imprensa Negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- BARROS, Surya. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do XX. In: ROMÃO, Jeruse. (org.) *História da educação dos negros e outras histórias*. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005.
- BASTIDE, Roger. & FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1959.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão/SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003.
- CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: ROMÃO, Jeruse. (org.) *História da educação dos negros e outras histórias*. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.
- FERRARA, Miriam Nicoulau. *A imprensa negra paulista (1915 – 1963)*. FFLCH/USP, 1986. (Antropologia 13).
- GARCIA, Marinalda. *Os Arcanos da cidadania: a Imprensa Negra nos primórdios do século XX*. 1997. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LEITE, José Correia & CUTI. ... *E disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller. Matrizes da língua portuguesa no Brasil meridional: 1680-1830. In: MATTOS E SILVA. R.V. (org). *Para a história do português brasileiro: Primeiros estudos*. São Paulo: Vol II Tomo II. Ed. Humanitas, 2001.
- SILVA, Geraldo, ARAÚJO, Márcia. Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas. In: ROMÃO, Jeruse. (org.) *História da educação dos negros e outras histórias*. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005.